



SESSÃO TEMÁTICA Nº 01 - DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO ENSINO E EXTENSÃO NO CAMPO DE PÚBLICAS

DISTOCULT: MEDIAÇÕES DE LEITURAS ENQUANTO UMA NOVA FERRAMENTA DE ESTÍMULO À REFLEXÃO CRÍTICA

Jéssica Beatriz Pereira Lima/UFCA
Jessica Gabriela Silva Ribeiro/UFCA
Regina Pimentel Cruz/UFCA

Resumo:

Proposto e coordenado por discentes de cursos de graduação da Universidade Federal do Cariri (UFCA) por meio da Pró-reitoria de Cultura (PROCULT) da referida instituição o projeto Distocult se propõe a agregar a literatura enquanto ferramenta de desenvolvimento pessoal e crítico para com os discentes da citada universidade atrelado ao protagonismo estudantil. Nesta perspectiva, o objetivo do presente estudo se detém em relatar a experiência e o impacto do Distocult no âmbito dos cursos de graduação da UFCA durante o período de 2020, além disto, propõe-se ainda a abordar as obras trabalhadas nas mediações de leituras no referido ano, as críticas sociais presentes nos seus encontros, bem como os desafios e possibilidades gerados pela pandemia. Este estudo trata-se de um relato de experiência que possui natureza qualitativa e tem como finalidade retratar as mediações de leituras promovidas pelo projeto. Ainda neste escopo, foram delimitadas cinco obras de diferentes gêneros literários, sendo estas as seguintes: (1) O conto da Aia; (2) Orgulho e Preconceito; (3) O Quinze; (4) O cortiço; e (5) Fahrenheit 451. Nesta dimensão, as obras discutidas pelo Distocult no decorrer do ano de 2020 possibilitaram uma variedade de problemáticas sociais dentro do atual contexto brasileiro e mundial, abordando também questões interligadas diretamente a reflexão do Estado, dos direitos sociais/fundamentais, das políticas públicas e dos contextos de crises, proporcionando de forma inovadora com novos métodos de debate e reflexão acerca de problemáticas difusas dentro da sociedade atual.

Palavras-chave: Mediações de leitura. Literatura. Crítica Social. Protagonismo Estudantil.

INTRODUÇÃO

O Distocult é um projeto proposto e coordenado por estudantes dos cursos de graduação da Universidade Federal do Cariri (UFCA) que por meio do edital de Iniciativas da Comunidade Acadêmica da Pró-reitoria de Cultura (PROCULT) da citada instituição vem desenvolvendo desde 2019 com lideranças e protagonismo estudantil de estudantes dos cursos de administração pública (2019-2020) e biblioteconomia (2021) ações voltadas ao público discente enquanto ferramenta de desenvolvimento pessoal e crítico.

Assim, o projeto tem como destaque a realização de mediações de leituras buscando estimular o exercício do pensamento crítico e da literatura no âmbito da UFCA e da sociedade como um todo. Embora as ações do projeto sejam voltadas para o público discente da instituição, com a pandemia provocada em detrimento do Novo Coronavírus, foi possível alcançar um público externo, tanto da região local, sejam estes do meio acadêmico ou não, quanto atores sociais e particulares de outras regiões.

Nesta perspectiva, com o desenvolvimento de atividades totalmente remotas desde o início da pandemia no contexto brasileiro, o Distocult procurou propor obras que impactam no atual cenário sócio-cultural com a abordagem da literatura universal incrementada a diversos gêneros literários, compreendendo ainda que “ler, refletir e pensar em possibilidades diferentes de vida por meio da experiência de viver simbolicamente uma infinidade de vidas alternativas junto com os personagens de ficção e, dessa forma, ter elementos de comparação mais variados.” (MACHADO, 2002, p. 18-19 apud CARVALHO, 2015, p.8), possibilitando assim, uma variedade de comparativos entre a realidade vivenciada e o proposto na literatura.

OBJETIVOS

O objetivo do presente estudo se detém em relatar a experiência e o impacto do projeto Distocult no âmbito dos cursos de graduação da Universidade Federal do Cariri durante o período de 2020, além disto, propõe-se ainda a abordar as obras trabalhadas nas mediações de leituras no referido ano, as críticas sociais presentes nos encontrar seus, bem como os desafios e possibilidades gerados pela pandemia.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de um relato de experiência ao qual possui natureza qualitativa e tem como finalidade retratar as mediações de leituras promovidas pelo projeto Distocult no ano de 2020. O projeto tem como proposta central o fomento de incentivo à

leitura/literatura e a crítica social. Nesta perspectiva, a proposta de metodologia aplicada se baseia na realização de mediações de leituras de forma virtual das mais diversas obras literárias, contando ainda com a disponibilização destas obras em vários formatos digitais, sendo estes os mais comuns nos formatos PDF, MOBI e AudioBook, ambos com o intuito de promover a democratização do acesso ao livro.

Para as efetivas interações com os participantes, foram realizadas consultas públicas na rede social “*Instagram*” para definição dos dias, horários e escolha de duas obras previamente propostas pelo projeto. Neste sentido, após a decisão do público foram organizadas e programadas todas as mediações literárias realizadas. Deve-se levar em consideração que todos os encontros foram realizados por meio da plataforma “*Google Meet*”, em que nestes momentos eram compartilhadas visões críticas a respeito dos livros em questão a fim de provocar reflexões aos participantes das mediações de leituras e de fomentar o pensamento crítico.

Neste sentido, destaca-se que foram delimitadas cinco obras de diferentes gêneros literários, sendo estas as seguintes: (1) O conto da Aia; (2) Orgulho e Preconceito; (3) O Quinze; (4) O cortiço; e (5) Fahrenheit 451. Alguns livros, por serem mais extensos e de difícil compreensão, foram divididos em algumas partes para facilitar a leitura e o acompanhamento do participante, levando em consideração que a maioria dos encontros foram realizados a cada 15 dias.

MEDIAÇÕES DE LEITURA

A leitura é uma ferramenta de estímulo contínuo a qual auxilia no processo de desenvolvimento pessoal, sendo assim, atua diretamente na “[...] formação do indivíduo, influenciando-o a analisar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, ampliando e diversificando visões e interpretações sobre o mundo, com relação à vida em si mesma.” (KRUG, 2015, p. 1), sendo assim, a leitura fomenta o exercício do pensamento crítico do leitor e de suas visões de mundo.

Ainda nesta perspectiva, Freire (1989, p.9) argumenta que “A leitura de mundo precede a leitura da palavra [...] Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.”, ou seja, a leitura deve estar interligada com as vivências do indivíduo para provocá-lo ainda mais a sua reflexão crítica sobre a temática em questão, levando em consideração ainda que “[...] a vida é mediada pela palavra, seja ela dita, vivida, narrada, contada, lida, cantada ou escrita.” (CAVALCANTE, 2018, p. 3) em seus mais diversos formatos.

Considerando a leitura com as dimensões elucidadas anteriormente, outro enfoque dar-se a mediação de leitura. Sendo a mediação um ato de convidar, conduzir e provocar o leitor a refletir sobre a realidade e as várias problemáticas sociais existentes de forma crítica por meio da literatura, este ato consolida-se como fundamental no processo de formação do leitor, pois a “[...] mediação da leitura é ação de acolhimento em primeira instância. Do mediador que acolhe, do texto que dialoga e das ideias que abraçam o leitor.” (CAVALCANTE, 2018, p. 14).

Ainda nesta dimensão, cabe ao mediador de leitura compreender o seu público alvo e os contextos emergentes, para assim, apresentar-lhes uma proposta mais fundamentada e convidativa, visionando ainda, as dificuldades existentes e suas implicações. Para alcance desta dimensão, propõe-se que as mediações de leituras envolvam a leitura literária, tendo em vista que:

[...]a leitura literária provoca e exige variados mecanismos de compreensão, podendo o texto literário dar vazão às mais variadas leituras, dependendo das potencialidades, características e gostos de cada indivíduo que o lê, justamente porque ele não apresenta restrições ou finalidades definidas e, sobretudo, por ser a linguagem literária multisignificativa, dialógica, capaz de provocar emoções diferentes em um mesmo leitor, dependendo, por exemplo, da sua leitura e/ou releitura. (MARTINS, 2018, p. 38).

Assim, é preciso alinhar a leitura literária do processo de formação escolar, considerando que este é o nível primário, sendo assim, o primeiro passo de aproximação acontece entre o mediador (docente) para com o mediado (estudante). Contudo, com o excesso de trabalho, turmas e carga horária acabam sobrecarregando e tornando o processo mais distante, bem como para o estudante que durante a formação acaba confluindo com uma gama diversa de disciplinas obrigatórias o que torna mais cansativo.

Nesta perspectiva, o processo de formação base do indivíduo impacta continuamente nos demais, chegando a influenciar amplamente na aproximação (ou não) com a literatura nos mais diversos níveis de formação, inclusive no superior. Sendo assim, essa aproximação com o livro/leitura literária, jamais deve ser compreendida como uma obrigação, mas sim como algo que possa transparecer o prazer e o lazer. O ato de mediar, apresentar e convidar determinado indivíduo, necessita ser leve e divertido, para que não haja resistência, deixando livre também para o participante interagir enquanto um sujeito ativo e autônomo com relação às suas preferências literárias.

Além destas perspectivas apresentadas, deve-se levar em consideração também o contexto sociopolítico no Brasil e seus impactos e desafios no processo e do acesso à literatura. De acordo com o instituto Pró-Livro (2020) na pesquisa “Retratos da Literatura no Brasil” a população mais pobre e com menor escolaridade raramente consideram a leitura como uma

atividade lúdica, vêem o livro como instrumento para adquirir conhecimento e o relaciona diretamente ao ambiente escolar, por outro lado, quanto maior a escolaridade e o poder aquisitivo mais forte é a intenção de leitura com fins lúdicos. Nesta dimensão, foi identificado ainda que:

A falta de tempo é o principal motivo alegado para não ter lido mais pelos leitores (47%) – entre os leitores 82% alegam que gostariam de ter lido mais. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO E ITAÚ CULTURAL, 2020, p.58)

Em face dessa realidade compreendemos que o ambiente universitário pode ser um lócus dinamizador da leitura sem intenção escolar, especialmente ao definir horários e dias alternativos ao de estudo dos discentes para realização dos encontros literários. Desse modo, a falta de tempo comumente ressaltada entre os leitores poderia ser mitigada através de uma readequação da leitura considerando uma agenda integradora.

Em relação às formas de acesso ao livro, 41% foram comprados em lojas físicas ou pela Internet, 25% foram presenteados, 18% emprestados por bibliotecas de escolas– como principal meio de acesso. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO E ITAÚ CULTURAL, 2020, p.127).

Apesar de um aumento do consumo de livros físicos, a população mais pobre ainda encontra dificuldade considerando a fragilidade no acesso, em vista do preço e da incipiente rede de bibliotecas públicas e igualmente a frágil divulgação desses espaços. Sendo mais acessível livros em formato digital pelo amplo acesso aos smartphones.

Tendo em vista essas dificuldades, o Distocult sempre disponibiliza os materiais relacionados às obras abordadas, tendo em vista que esta é uma fonte de estimular, dinamizar e aumentar o acesso à democratização literária. Com relação à experiência realizada em 2020, todos os livros foram disponibilizados em formatos digitais (PDF, MOBI e AudioBook), buscando assim fornecer acesso para aqueles que não possuem a obra física. As mediações de leituras realizadas pelo projeto Distocult entornaram 8 encontros virtuais para debate das seguintes obras: (1) O conto da Aia; (2) Orgulho e Preconceito; (3) O Quinze; (4) O cortiço; e (5) Fahrenheit 451, adiante conheceremos um pouco de cada livro, suas perspectivas críticas e os impactos sociais presentes.

O conto da Aia

O primeiro livro abordado foi *O conto da Aia* (1985) da autora Margaret Atwood, ao qual teve três encontros remotos, o livro deu margem para discussões acerca da quebra do estado de direito e abarca um alerta global de como pequenos indícios da quebra da democracia podem ser perigosos, além de críticas incisivas sobre a subversão feminina em um estado teocrático com distinção de classes através do gênero e realidade de uma sociedade sem direitos fundamentais e básicos.

A obra é um romance distópico, que se passa no território dos Estados Unidos após sofrer um golpe de Estado por um grupo teocrático intitulado Filhos de Jacob, fundando assim a República de Gilead. A história proporciona um alerta global de como pequenos indícios da quebra da democracia podem ser perigosos, além de críticas incisivas acerca da subversão feminina em um Estado teocrático. Esse regime foi instaurado utilizando como justificativa os grandes índices de infertilidade da população que, após uma sucessão de desastres naturais e acidentes nucleares, tornaram a maior parte das pessoas estéreis “em decorrência da contaminação por radioatividade usada pelo Governo.” (MOLARI, 2019, p. 185).

Nesta nova sociedade tanto homens quanto mulheres perderam a sua liberdade, seus direitos sociais e fundamentais (principalmente as mulheres) e foram divididos em castas. Estas castas são subdivididas de acordo com suas classes e vestimentas. As “Aias” vestem-se de vermelho, elas são mulheres férteis consideradas pecadoras no período anterior a Gilead, sendo assim elas são alocadas nas funções de servir ao estado com fins de reproduzir para as famílias dos “Comandantes”. Por outro lado, os Comandantes são os grandes responsáveis pela instauração desse regime e integram a alta cúpula de Gilead, suas vestimentas são pretas.

A classe de “Esposas”, corresponde justamente às companheiras dos Comandantes, utilizam a cor azul e geralmente são estéreis, por isso solicitam as Aias para oferecimento de seus “serviços”. Tem-se também as “Tias”, geralmente idosas, vestem marrom e são responsáveis por fazer todo o treinamento das Aias e dos segmentos das leis de Gilead, a maior parte dessa capacitação conta com tortura física e psicológica. Além destas, há também as “Martas”, que são mulheres inférteis, porém sem identificação do crime de “pecado” (de acordo com o Antigo Testamento), elas vestem verde e são responsáveis pelos cuidados das casas dos comandantes, vistas como “domésticas”.

Por fim, os homens para além dos Comandantes, foram realizados para diversas funções. Sendo estes os “Olhos” (polícia secreta do governo), os “Anjos” (soldados das cruzadas), “Guardiões” (soldados comuns de rua) e “Homens Pobres” (atuam nos serviços de comércio e venda). Vale ressaltar que, neste regime qualquer um que fugir das suas funções

sociais é condenado pelas leis do Estado, independente de suas classes, o que varia desde níveis de tortura/mutilações até a condenação de morte.

A personagem principal do livro, nomeada pelo sistema de Offred, se encaixa na casta das Aias que são tidas como propriedade do Estado e servem como uma espécie de barriga de aluguel. Estas mulheres são violentadas uma vez por mês em nome de um “ritual” baseado no antigo testamento, sendo esta a seguinte:

Vendo, pois. Raquel que não dava filhos a Jacob, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacob: Dá-me filhos, ou senão eu morro. Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? E ela disse: Eis aqui minha serva Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela. (GÊNESIS, 30:1-3; *apud* ATWOOD, 1985).

Com esse direcionamento, essa passagem bíblica é utilizada e interpretada em todos os processos do ritual. O intuito central como evidenciado é propício para a Aia engravidar, para assim gerar um filho à família que está servindo e posteriormente serem mandadas para outra casa chamada no livro de “outro posto”. Como afirma Offred: “Somos úteros de duas pernas, isso é tudo: receptáculos sagrados, cálices ambulantes.” (ATWOOD, 2006, p.129).

O livro faz críticas incisivas sobre quão uma mulher pode ser oprimida em qualquer sociedade, seja em um período teocrático ou de redemocratização, assim como demonstra que uma sociedade sem liberdades e direitos são altamente cruéis, principalmente aquelas que são massacradas e que não podem ler, escrever ou pensar, como em Gilead e exemplificado na fala de Offred “Pensar pode prejudicar as minhas chances e eu pretendo durar” (ATWOOD, 2006), ou seja, não só a literatura, mas a cultura e a arte também são altamente proibidas em regimes totalitários, por provocarem e causarem reflexão no indivíduo sob o meio e a situação em que está inserido. A invalidação da voz da mulher é algo que fica evidente no final da obra, pois o relato de Offred é colocado em dúvida por ser escrito por uma mulher.

Orgulho e Preconceito

O segundo livro discutido juntamente ao projeto, foi *Orgulho e Preconceito* (1813) da autora Jane Austen, foram realizados dois momentos para discussão deste livro e o mesmo proporcionou debates sobre a realidade da sociedade descrita por Austen em sua época e os impactos atuais e restantes do patriarcado na atual conjuntura social, trazendo assim, críticas aos “papéis” femininos, as diferenças de classes econômicas e sociais, sendo assim, gerando uma discussão provocativa e reflexiva para os participantes.

A história circunda sobre Elizabeth Bennet, sua família e os novos moradores da região, refletindo sobre a sociedade e as relações que nela se inserem. O romance escrito por Austen faz

críticas diretas aos “papéis” femininos, as diferenças de classe, econômicas e sociais, sendo assim, gerando uma discussão provocativa e reflexiva para os participantes, tendo em vista a riqueza do debate e impacto da obra nos dias atuais, pois a escritora,

[...] como romancista e mulher solteira, deteve um olhar privilegiado sobre seu tempo, sobre as pessoas e sua conduta, a relação com o dinheiro e com o status social. A compreensão do retrato característico da sociedade rural inglesa que reconhecemos através do romance, é essencialmente importante para perceber como se reproduzem os costumes e processos de distinção, perpetuados pelas classes dirigentes até hoje nas sociedades ocidentais (VELOSO, 2015, p. 11-12).

Evidenciando assim, a influência do estigma de uma sociedade patriarcal, prezando verdadeiramente as relações de níveis de classes dentro da esfera da aristocracia, sendo estas baixas ou altas. Tais alusões, se fazem presentes no decorrer do livro, as quais a autora trata com ironia e inquietude por meio de suas personagens, tecendo críticas relativas aos costumes da sociedade em que vivia, em especial, aquelas direcionadas aos papéis femininos. Embora não esboçado nitidamente, a autora revela no decorrer da trama, certas preocupações quanto às limitações impostas às mulheres, como mensurado abaixo:

A lei apoiava o direito de primogenitura, apenas se o filho fosse do sexo masculino, caso a família não tivesse varões, a herança seria transmitida ao parente masculino mais próximo, facilitando assim, que todas as propriedades e fontes de renda da família ficassem sempre em nome da mesma, por várias gerações. Sendo assim, não restavam muitas opções para as moças garantir um sustento na velhice, a opção era se casar, até mesmo para garantir a sobrevivência básica, já que não lhes era permitido trabalhar (ZARDINI, 2013, p.3).

Deste modo, o casamento era visto com um ponto crucial a sobrevivência feminina, portanto, para a manutenção deste estilo de vida, fazia-se necessário que as mulheres mantivessem suas obrigações e restrições sociais, e Austen, contrariada a este modelo mesmo que de forma minuciosa, desenvolvia suas alusões femininas que negavam-se a submeter-se neste sistema, tendo a exemplo disto, a personagem central do livro, Elizabeth Bennet, a qual recusou-se a tal submissão quando lhe imposto, revelando assim, uma figura feminina independente e convicta aos seus ideais éticos, que para a época havia de ser considerado uma das maiores imprudências.

O Quinze

A terceira obra trabalha, foi O Quinze da escritora Rachel de Queiroz (1930), o livro aborda como direcionamentos gerais a questão regionalista, dando enfoque ao drama a seca ocorrida no Estado do Ceará em 1915, além disto, a autora ao descrever os aspectos gerados em

torno da fome e da miséria, faz fortes críticas perante o governo e a ausência de políticas públicas/sociais para resolubilidade da problemática, assim como a corrupção, que impacta diretamente neste âmbito impossibilitando a assistência necessária para com a população que deveria advir do Estado, com isto, as discussões aproximaram-se muito do cenário atual, porém com dramas distintos, o que foi captado e discutido com os participantes.

O drama causado pela seca de 1915, pode ser observado em dois núcleos da obra, no primeiro, acompanhamos a trajetória do vaqueiro Chico Bento e sua família, ele perdeu o emprego devido a seca e não vendo outra opção decide partir para a capital em busca de melhores condições de vida. Eles partem a pé, por não ter dinheiro para a compra da passagem. Nessa saga ,vemos o sofrimento dos personagens, eles enfrentam a fome, doença e morte de um filho de Chico, e o desaparecimento de outro. No outro núcleo, acompanhamos Vicente que cuida do gado da sua família, fazendo de tudo para enfrentar essa seca manter o gado vivo até que comece a chover.

A corrupção, fica evidente quando Chico Bento vai a cidade atrás das passagens que o governo está dando para o Norte, mas chegando toma conhecimento de que não há passagens teria que esperar um mês para conseguir, mas descobre que boa parte delas foram cedidas, “Pois se quiser esperar, talvez se arranje mais tarde. Imagine que tive de ceder cinquenta passagens ao Matias Paroara, que anda agenciando rapazes solteiros para o Acre!”(QUEIROZ,1993, p.23).

Assim, como evidencia a falta de políticas públicas, os retirantes que chegavam em Fortaleza ficavam em Campos de Concentração, locais de extrema pobreza e fome, onde várias pessoas morriam devido às péssimas condições. Como afirma (Câmara;Câmara; Soutullo, 2015) “A Seca do Quinze foi o cenário para a implantação do primeiro destes campos, no Alagadiço, a oeste de Fortaleza, com cerca de oito mil pessoas mal alimentadas e mal cuidadas, vigiadas de perto por soldados.”

O Cortiço

A quarta obra discutida no período de 2020 foi O Cortiço (1890) de Aluísio Azevedo, a obra teve apenas um encontro e trouxe uma perspectiva acerca de problemáticas relacionadas ao crescimento exacerbado do contexto urbano, a ausência do controle do uso e ocupação do solo por parte do Estado, além do abandono dos entes federativos para com a realidade social apresentada, ilustrando um contexto de alta pobreza, falta de política sociais e de direitos fundamentais.

O livro é um romance naturalista movimento ligado ao cientificismo, denuncia a exploração e as péssimas condições de vida dos moradores dos cortiços. Na narrativa acompanhamos a trajetória do português João Romão e sua ambição para enriquecer de toda forma, sendo ele um retrato da sociedade capitalista, explorando as pessoas ao seu redor, desde Bertoleza sua companheira que ele explora até melhorar de vida e conseguir um casamento vantajoso, os moradores do seu cortiço, fregueses da sua venda e os operários da pedreira.

A obra demonstra a realidade social no final do século XIX, onde acompanhamos o crescimento exacerbado do contexto urbano através do surgimento dos cortiços na cidade do Rio de Janeiro, “A partir do século XIX a população brasileira teve um crescimento considerável com o aumento da chegada dos imigrantes e com a abolição da escravidão, contudo o aumento nas quantidades das moradias não acompanhou o crescimento da população.” (Silva, 2018, p. 02)

Na narrativa observa-se o abandono dos entes federativos em relação aos cortiços, o autor tece denúncias sobre as condições de vida dos moradores dessas habitações coletivas. O cortiço de São Romão, um local insalubre, onde vivem principalmente imigrantes e ex-escravos, acompanhamos o dia a dia daquelas pessoas, a exploração que elas sofrem, a pobreza e a miséria na qual estão inseridas.

Fahrenheit 451

A última obra trabalhada pelo projeto foi o livro Fahrenheit 451 (1953) do escritor Ray Bradbury, com um encontro realizado apenas com estudantes do primeiro semestre do curso de graduação em Administração Pública da UFCA, abordando o contexto apresentado dentro do livro ao qual possibilitou a discussão sobre a importância do pensamento crítico, da reflexão contínua e do impacto que os livros proporcionam a este exercício, além disso, o debate circundou sobre questões relacionadas às Fake News e a importância do sujeito de direitos e da relevância do questionamento para com o Estado frente a ações autoritárias.

A história do livro se passa em uma realidade distópica futurista, em que o trabalho dos bombeiros não é apagar incêndios mas sim queimar livros, isso porque foi instaurada uma cultura de combate ao pensamento crítico e autônomo dos indivíduos. Nesse cenário, acompanhamos a trajetória do personagem Guy Montag, um bombeiro que, seguindo a profissão de seu pai e de seu avô, tem a missão diária de investigar, encontrar e queimar qualquer livro ou biblioteca clandestina. Dia após dia Montag desempenha sua função sem

nunca se questionar, mas após o convívio com sua vizinha, Clarisse McClellan, uma jovem de 17 anos que sempre o questiona, Montag começa a se sentir incomodado com sua vida. Ele começa a questionar seu trabalho como bombeiro, se perguntando o que pode haver de tão perigoso nos livros, além de se sentir extremamente infeliz ao lado da esposa, Mildred.

Deste modo, podemos observar o controle do estado através da censura de informações, já que leitura de qualquer tipo de obra literária é proibida, o único livro que a população têm acesso é o manual de instruções de como as máquinas funcionam. O ensino escolar é totalmente reduzido e direcionado para o que o governo acha que eles devem saber, aprendendo através do método da repetição.

(...) Aí está, Montag. A coisa não veio do governo. Não houve nenhum decreto, nenhuma declaração, nenhuma censura como ponto de partida. Não! A tecnologia, a exploração das massas e a pressão das minorias realizaram a façanha, graças a Deus. Hoje, graças a elas, você pode ficar o tempo todo feliz, você pode ler os quadrinhos, as boas e velhas confissões ou os periódicos profissionais. (BRADBURY, 2012, p.51).

Na fala do capitão Beatty, podemos perceber que apesar da leitura ser crime naquela sociedade, escolha da própria população. Eles deixaram a leitura de lado para se dedicar às telas de TV, já que nelas a informação não precisa ser processada. Não há um grande esforço por parte do receptor e por acreditar que a leitura deixava as pessoas tristes e as faziam pensar demais em coisas que para elas não havia necessidade.

Mildred, esposa de Montag, representa as pessoas alienadas daquela sociedade, ela passa o dia todo assistindo televisão, lá eles conseguem participar dos programas de televisão recebendo um roteiro e tendo falas durante os diálogos. Essa interação com a programação faz com que as pessoas queiram estar o tempo todo assistindo. Algo que pode ser comparado com a sociedade atual onde as pessoas estão o tempo todo conectadas nas redes sociais, e acompanhando programas de reality shows.

Além de alienar a população, os meios de comunicação servem para manipulação, tendo em vista que:

Estão simulando. Você os despistou no rio. Eles não podem admitir isso. Sabem que não conseguirão manter a audiência por muito tempo. O espetáculo precisa chegar ao fim, depressa! Se comessem a vasculhar toda a extensão do rio, poderiam levar a noite inteira. Por isso, estão em busca de um bode expiatório para chegar a um final sensacional. Observe. Apanharão Montag nos próximos cinco minutos! (BRADBURY, 2012, p.109).

Portanto, como não conseguem capturar Montag após o assassinato do capitão, uma perseguição é noticiada até a morte do suposto Montag, tudo isso foi inventado para demonstrar

que crimes não ficam impunes e que ninguém precisa se preocupar, o Estado mantém tudo em ordem. Se observarmos essa manipulação é algo muito parecido com as fake news que existem atualmente na nossa sociedade, muitas vezes por querer obter uma informação de forma fácil e rápida, a população não busca saber se aquilo é realmente verdade e se vem de uma fonte confiável.

A RELAÇÃO DO DISTOCULT COM CAMPO DE PÚBLICAS

Os países Sul-Americanos vivenciavam uma grave crise econômica e social no final de 1970 com o grande endividamento público, se fortaleceram as teorias econômicas que visavam diminuição estatal, o que culminou com o descrédito do ensino da Administração Pública. (PIRES et al., 2014). Com o fim do período ditatorial militar no Brasil, e o nascer de um estado democrático de direito com a promulgação da Constituição Federal de 1988, se via um horizonte de possibilidades e desafios diante da nova ordem de governabilidade e a retomada dos espaços públicos, o que propiciou segundo PIRES et al., (2014, p.112) “ [...] diversas mobilizações de acadêmicos para a solução de problemas no novo padrão de governabilidade pós-Constituição de 1988.”

Com a resolução nº 1, de 13 de janeiro de 2014 se instaurou as diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Administração Pública. No Art. 3º a resolução apresenta como fundamentalidade que:

O curso de graduação em Administração Pública deverá propiciar formação humanista e crítica de profissionais e pesquisadores, tornando-os aptos a atuar como políticos, administradores ou gestores públicos na administração pública estatal e não estatal, nacional e internacional, e analistas e formuladores de políticas públicas. (Ministério da Educação 2014).

Sendo assim, o Distocult por meio da mediação de leitura buscar trabalhar vários estilos literários trazendo de forma incansável relacionar obras com o que se passa nacional e internacionalmente trazendo para o debate um caráter de criticidade que é um dos pilares que compõem o projeto desde sua fundação, isso faz com que as mediações sejam um importante fator para formação humana e suas relações, propiciando assim o crescimento inclusive profissional dos partícipes por meio de situações que se apresentam a partir da literatura e que são vistas de forma constante nas sociedades.

Com isso, as obras discutidas pelo projeto Distocult no decorrer do ano de 2020 possibilitaram uma variedade de problemáticas sociais dentro do atual contexto brasileiro e mundial, abordando também questões interligadas diretamente a reflexão do Estado, dos direitos sociais/fundamentais, das políticas públicas e dos contextos de crise, proporcionando de forma

inovadora com novos métodos de debate e reflexão acerca de problemáticas difusas dentro da sociedade atual.

Embora o projeto tenha alcançado seus objetivos centrais, no caso o aproveitamento total dos debates por parte do público alvo, é importante dizer que, a pandemia gerou muitas possibilidades de atingir públicos variados, contudo a mesma, juntamente a este novo modelo de funcionamento virtual, agregado à realidade presente dificultou o acesso e a participação de vários estudantes. Por outra ótica, é importante salientar que, além de estudantes da UFCA, discentes da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e pós-graduandos da Universidade Regional do Cariri (URCA) também participaram das discussões no decorrer das mediações de leituras.

Deste modo, considera-se que o projeto tem ultrapassado suas barreiras locais e estimulado estudantes de diferentes níveis e lugares a compartilhar suas experiências literárias, sendo assim, um projeto de grande contribuição social para o desenvolvimento crítico e literário dos participantes. Vale ressaltar ainda que, o fomento a atividade cultural e ao proporcionamento do incentivo ao protagonismo estudantil é estritamente fundamental no estímulo ao desenvolvimento de ações de inovação no âmbito das universidades, principalmente por este projeto em questão ser desenvolvido, coordenado e realizado por estudantes de graduação, evidenciando assim, esse grande incremento e incentivo da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri (PROCULT/UFCA).

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Trad. M. Ângela Santos. Barueri: Principis, 2019.

ATWOOD, Margaret. **O Conto Aia**. Trad. de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. Ministério da cultura, Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro, 1890.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. São Paulo: Globo, 2012.

CARVALHO, Damiana Maria. **A importância da leitura literária para o ensino**. Entreletras, 2015.

CÂMARA, Yls Rabelo; CÂMARA, Yzy Maria Rabelo; SOUTULLO, Melina Raja. O Quinze: Revisando a Importância de Rachel de Queiroz Para a Cultura Cearense, a Literatura Brasileira

e o Feminismo no Brasil do Seculo XX. **Revista Entrelaces** – Ano V – nº 06 – jul.-dez. 2015 - ISSN 1980-4571. Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23399/1/2015_art_vrcamaraymrcamara.pdf.

Acesso em: 26 de jul. 2021.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. **A Mediação de Leitura e Formação do Leitor**. In: Curso Formação de Mediadores de Leitura. Fundação Demócrito Rocha, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. Cortez, 23a edição. São Paulo, 1989.

KRUG, Flavia Susana. **A Importância da Leitura na Formação do Leitor**. Rev. de Educação do IDEAU. Dez. 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO E ITAÚ CULTURAL. **Retratos da leitura no Brasil**.

5ª ed. São Paulo, 2020. Disponível em:

https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf. Acesso em: 01 de ago. de 2021.

MARTINS, Lilian. **A Leitura Literária**. In: Curso Formação de Mediadores de Leitura. Fundação Demócrito Rocha, 2018.

PIRES, Valdemir Aparecido et al. **Campo de públicas no Brasil: definição, movimento constitutivo e desafios atuais**. Administração Pública e Gestão Social, v. 6, n. 3, p. 110-126, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124602>>.

Resolução CNE/CES 1/2014. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de janeiro de 2014 – Seção 1 – pp. 17-18.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.

SILVA, Samara Santana. **Os Cortiços e a cidade do Rio de Janeiro durante seu processo de modernização na virada para o século XX**. Encontro Estadual de História e Movimentos Sociais. Bahia, 2018. Disponível em:

http://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1535059482_ARQUIVO_Corticossfinalanpuh.pdf. Acesso em: 31 de jul. de 2021.

VELOSO, Mariana Aires Alves. **Retrato da sociedade rural inglesa e educação feminina nos romances de Jane Austen.** Revista Mundo Livre, 2015.

ZARDINI, Adriana Sales. **A identidade feminina na obra ‘Orgulho e Preconceito’ de Jane Austen.** Anais SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.